

Notícias de Guimarães

ANO 20.º N.º 1001
 GUIMARÃES, 25 de Março de 1951
 Redacção e Núm., R. da Rainha, 56-A Tel., 4913
 Comp. e Imp., *Tip. Ideal*, Tel., 4581
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

MORTE ou Ressurreição?

Pelo Rev. Dr. B. Xavier Coutinho.

O pensamento contemporâneo atingiu uma encruzilhada dramática. Amontoando *negações* vem de longe a reunir desgraças desde o tempo em que Descartes lança os fundamentos de todas as dúvidas destruidoras que veriam a luz do dia até nós. Perdeu-se o norte ao falar de humanismo pela primeira vez no século XVI e, desde então, com outras formas, quer seja o de Augusto Comte ou aquele que personificou Fierbach e o seu discípulo Karls Max ou Nietzsche, quer seja o que poderíamos chamar de anti-humanismo de certos existencialistas, o ateísmo assentou arraiais que parecem definitivos.

Ora a terra, sem Deus, não pode ser senão um caos em que o homem luta contra o homem, destruindo-se mutuamente.

Como admirarmo-nos, então, da falta de segurança dos tempos que correm? Fala-se em guerra; preparam-se exércitos, investiga-se a energia atómica... A destruição parece ser a única preocupação ambiente, nos tempos que vão correndo.

Os valores do espírito? A bondade humana? A solidariedade entre as nações? Vãs palavras, mais ou menos sem sentido ou com sentido diferente daquele que deveriam ter.

Conceitos inúteis na desordem do pensamento em que somos obrigados a vegetar quando *ditadura* atroz, e democracia popular e os fautores da mais despótica autoridade se proclamam democratas sem igual.

O mundo segue sem norte. Os verdadeiros valores estão a perder-se. Na sua loucura os homens amontoam germes de destruição que ameaçam tudo destruir.

E não haverá salvação? Nenhuma força a opor?

*

Quando se olha para o passado, nas grandes curvas da história, viram-se dificuldades não menores. Surgiram um dia os Bárbaros que ameaçavam uma absorção total; a civilização tremeu. Mas a sua avalanche passou e quando o mundo, ainda meio aturdido acordou do drama, descobriu um mundo novo. Era uma Idade nova que haveria de ser a idade *média*, a meio entre o pensamento moderno (séc XVI) e o pensamento antigo que o cristianismo veio baptizar.

A quando do Protestantismo, nova avalanche destruidora. Ruíram princípios que pareciam eternos, imutáveis.

Mas, numa pequena cidade do Tirol—*Trento*—revitalizam-se conceitos, refaz-se um equilíbrio que não permite a perda do mundo.

E não era o final. Ainda os que pomposamente se chamaram «filósofos» — (entre aspas) — avançaram com um ateísmo militante, verdadeiramente destruidor. Mas a sua tempestade passou e a sociedade revitalizada ao sopro novo do ensino da Igreja saiu incólume.

Hoje, porém, as coisas aparecem mais temíveis. E não se vislumbra ainda um elemento salvador. Surgirá? Será impossível?

Encontramo-nos perante a *morte* ou a *ressurreição*? Tal o grito angustiante que o mundo de hoje provoca e que, neste dia de festa, a Ressurreição do Senhor, lançamos com temor.

E' verdade que no passado sempre a Igreja encontrou solução para todos os problemas ou crises do mundo. Este saiu renovado; aquela triunfante. Mas hoje? Haverá solução para o ateísmo militante?

O mundo sem Deus é um caos e uma prisão. Esperamos que ele o não expulse definitivamente. Será então legítimo esperar que em vez da Morte encontre a Ressurreição.



Aleluia!

Olhai o sol radiante
 Olhai que formoso dia!
 Aqui perto, ali distante:
 Tudo exalça a Aleluia!

Mais doces murmuram fontes,
 Gorjeiam ledas as aves.
 Favónios brandos, nos montes,
 Espalham beijos suaves.

Os bronzes dos campanários
 Juntam-se à voz dos foguetes.
 Em cordas e mastros vários
 Riem alto os galhardetes.

Vinde crianças comigo,
 Vinde inundar-vos na luz...
 Deste sol que beija amigo
 A ascensão de Jesus.

Março de 1951.

Vamos colher brancos lírios,
 Lírios roxos e rajados
 Para afroixar os martírios
 Dos seus pés crucificados.

Vamos colher às abadas
 Violetas rasteirinhas
 Pra que sejam perfumadas
 As suas mãos tão santinhas.

Vamos buscar hera, amores,
 E todas ervas de cheiro,
 Pra lhe suavizar as dores
 Nos braços do seu madeiro.

Ele chegou. Vinde a rodos,
 Ajoelhai. E' Aquele!
 Se Ele morreu por nós todos
 Morramos todos por Ele.

DELFINO DE GUIMARÃES.

Em Domingo de Páscoa

Por AURORA JARDIM.

Quando o médico lhe disse que a achava muito fraca, ficou sem saber que fazer.

Já tomara vários medicamentos, comprara todas as caixas de injeções por ele indicadas, descansava o mais possível.

Só não podia, na verdade, abandonar o trabalho, pois como haveria então de manter-se?

Mas foi o próprio patrão que lhe sugeriu a ideia: tomar as suas férias, agora em Abril, em vez de Agosto.

Assim fez. Escolheu aquela aldeia onde havia um grande pinheiral e alugou um quarto pequeno na modesta pensão.

Levantava-se bastante cedo e, com um livro ou um trabalho de costura, abalava

para o sossego das árvores bemfazejas.

Certa manhã, viu que no seu lugar do costume se encontrava outra pessoa.

Assim mesmo avançou.

— Bom dia! — disse, ao passar.

— Bom dia! — exclamou o rapaz, levantando-se um tanto risonho. — Já a vi aqui. Desculpe se lhe tirei o lugar, mas... mas antes de ser sua, esta pedra era minha.

— Ah, desculpe. Eu vou para outro lado do pinhal.

— Vai? Não adianta nada. Onde quer que se sente, é terreno meu.

Ela olhou-o, sem responder. Depois meneou os ombros e resolveu-se a partir dali.

— Venha cá. Aqui tem a

Conclui na 4.ª página.

RESSURREIÇÃO

Pelo Prof. J. Martins Lima.

A' escuridão, às trevas da noite vem a luz da aurora, brilhante e rutila, o clarão do Sol com os seus revéberos fulgurantes, a alegria; a própria vida, que letargicamente caíra no torpor da mesma noite, levanta-se, então, vencendo as trevas, a escuridão e a morte — e tudo canta e se agita, num frêmito de entusiasmo e de vigor — as avezinhas, vendo a luz nascente, entoam os seus hinos, num cantante pipilar e os botões, as corolas vicejam, as flores reabrem as suas pétalas, adquirindo uma mais cromática beleza.

Como à tempestade, ao rugir do trovão, ao lufar do vento ou ao bramir ciclópico da procela vem sempre a bonança, também às trevas da noite, com todo o seu cortejo funéreo de tristezas e agonias, sucede o dia cançando os fulgores da vitória.

E' que o erro não perdura, o mal não pode subsistir, a injustiça baqueia e só a Verdade, que é Luz fulgurante, vem entoar hossanas, sempre vencedora!

Também às trevas da Paixão de Jesus sucede a Luz fulgurante da Aleluia!

As acusações do Sinédrio, por iníquas, a sentença desse macabro tribunal, por injusta, não podiam igualmente perdurar.

Prenderam Jesus, açoutaram-No, escarneceram-No, puseram-lhe uma coroa de espinhos, condenaram-No à

morte, a Ele que era todo Bondade e doçura, que prégava a doutrina sublime da Caridade, do amor do próximo, que era verdadeiramente Filho de Deus!

...E assim o levaram a um lugar chamado Golgota (*et venerunt in locum qui dicitur Golgotha*, segundo S. Mateus) e O crucificaram.

Erat autem hora tertia, et cruxifixerunt eum!

Morrera Jesus pregado num tosco, aviltante madeiro, no cimo do Monte Calvário.

Arimateia e Nicodemos, seus discípulos e amigos, desceram depois o seu corpo da cruz, ungiram-no com bálsamo e substâncias aromáticas e O colocaram no sepulcro (*posuerunt eum in monumento* — Act. Apost.), sob a vigilância da soldadesca.

Mas na manhã do terceiro dia, triunfante, glorioso e vencedor, o divino Mártir ergue-se do sepulcro.

Aleluia! Aleluia!... E assim às trevas da Paixão de Jesus sucede a Luz fulgurante da Aleluia!

.....

Já se ouve o alacre e sonoro bimbalar dos sinos: Aleluia! Aleluia!...

Lá vem o *compasso*, à frente o rapaz das campanhas, tilintando com frenesi; no chão goivos, espadanhas, violetas, flores mil, pois aí vem Jesus; há alegria nas almas e nos corações. — Aleluia! Aleluia!...

Um donativo de 56 contos

de um grupo de portugueses no Brasil

COMO HOMENAGEM AO NOSSO EMBAIXADOR

foi distribuido pelo nosso jornal

Um grupo de Amigos pessoais do actual Embaixador de Portugal no Brasil, o nosso ilustre conterrâneo senhor doutor António de Faria, resolveram prestar uma homenagem àquele diplomata, contemplando com a importante soma de *cincoenta e seis mil e setenta e cinco escudos*, as Instituições de Caridade da sua Terra Natal.

E ao tomarem tão simpática como humanitária iniciativa, os nossos queridos compatriotas, senhores: Ricardo Seabra, Adriano Seabra, Comendador Albano de Sousa Guise, Asténio Bagueira Leal, Joaquim Fernandes Bordalo, Horácio Pinto Coelho, Cicero Leite, Américo Breia e João Pedro de Sousa Guise, quiseram, ainda, ao mesmo tempo que obtiveram a indicação do senhor Embaixador, nesse sentido, ter a amabilidade de escolher o nosso jornal para seu mensageiro junto das nossas Casas de Assistência — todas merecedoras do carinho dos Vimaraneses e dos seus Amigos, como aqueles generosos Amigos de tão longe, e todas bem carecidas, nos tempos que vão correndo, da generosidade das almas bem formadas.

Os leitores por certo avaliarão o quanto nos alegrou a honrosa incumbência, sabido, demais, que o *Notícias de Guimarães* sempre



Dr. António de Faria

tem procurado contribuir, nestes quase vinte anos completos da sua existência, independentemente do mais em prol da Terra, para minorar os sofrimentos de tantos infelizes e bem assim para que possa ser de cada vez mais alta a assistência prestada pelas nossas admiráveis instituições de beneficência.

Na respectiva secção de «Beneficência» damos, hoje, a nota relativa à distribuição que fizemos e de que beneficiaram: Santa Casa da Misericórdia, Asilo de Santa Estefânia, Oficinas de S. José, Asilo de Mendicidade dos Santos Passos, Ordens Terceiras de S. Francisco e de S. Domingos, que têm a seu cargo uma creche e um Asilo de

Uma história verdadeira

Contada por LUDOVINA FRIAS DE MATOS.

Foi há trinta anos. Era Domingo de Páscoa.

Anoitecera tristemente dentro daquela casa sem alegrias.

De repente, duas pancadas fortes na porta de entrada sobressaltaram D. Estefânia. Sentada perto da janela entreaberta, debruçou-se no peitoril, e à luz do luar enxergou ainda um vulto feminino dobrando precipitadamente a esquina da rua.

Desceu ao portal onde a chamava um choro de criança. O marido seguiu-a intrigado.

Levantaram do chão o enjatinho enfaixado em miseráveis farrapos, e fitaram-se atónitos. Igual sentimento de compaixão aproximava os seus corações habitualmente afastados. Mas nenhum se decidia a tomar a responsabilidade da iniciativa...

— Não está mau o foliar!... E agora?! — perguntou ela.

— E agora?! Tu não pões nem dispões? — respondeu ele com duas perguntas à pergunta da mulher.

Conclui na 4.ª página.

Olhando para o passado

Quando, em momentos de melancolia mais profunda ou de contrariedades que perturbam o nosso espírito, nos debruçamos sobre a imagem do nosso passado, recordamos com grande saudade os tempos em que a vida nos surgia alegre e despreocupada, porque nem tristezas nem preocupações ainda conhecíamos. Mas, como tudo muda e como o destino não perdoa, não encontramos no presente qualquer vestígio da alegria com que passamos a nossa infância, durante a qual nunca nos faltaram os cuidados e os carinhos de nossos queridos Pais, que hoje veneramos através da pungente saudade com que sempre nos lembramos da sua inesquecida memória. E se há ocasiões em que o nosso olhar sobre o passado se estende até mais largos horizontes, encontramos, entre elas, esta alegre e florida quadra da Páscoa, portadora daqueles caprichos da inocência com que, então, perguntávamos a nossa Santa Mãe a razão por que, na Páscoa, as galinhas punham ovos de diversas cores. E ela, com sorriso e com ternura, procurava satisfazer a nossa inocente curiosidade, respondendo-nos o seguinte: «Olha, meu filho, estes ovos é o Senhor quem os manda às Mães para entregarem aos meninos que sejam obedientes, muito amiguinhos dos Pais e dos irmãos e que não sejam teimosos nem turbulentos».

E' claro que, ainda sob o mesmo pretexto, dáva-nos outros conselhos e para melhor nos convencer de que a visita do Senhor era acompanhada da sua infinita generosidade, acrescentava: «O Senhor é muito amiguinho dos meninos bonzinhos e por isso, tu também vais ter pão de ló, amêndoas, rebuçados, doces brancos e amarelos, vinho fino e outras coisas mais». E os pobrezinhos,

retorquíamos nós, também têm isso tudo?

Os pobrezinhos, dizia-nos Ela, terão como tu, porque o Senhor manda para ti, mas com a condição de tu repartires com eles, pois que, se assim não fizeres, para o ano não te mandará nada.

Estes conselhos eram cumpridos conforme a intenção que os provocava e nós, no dia de Páscoa, sentíamos o perfume e a doçura da verdadeira felicidade, exactamente por nada nos faltar e, ainda, por termos a agradável consolidação de repartir com os pobrezinhos.

Como era edificante aquele ambiente de tão íntima solidariedade humana!

Hoje, que esse passado se encontra tão distante do presente, curvamo-nos respeitosa e sentidamente perante o rodar contínuo dos anos e dedicamos a nossos filhos e netos estas ligeiras reminiscências da nossa infantil curiosidade acerca dos ovos tingidos da Páscoa, passada num modesto lar duma ignorada aldeia, onde iniciamos os primeiros passos, onde balbuciamos as primeiras palavras e onde recebemos os primeiros conselhos a guiar-nos para o caminho do bem.

Páscoa de 1951.

S. M.

TRIBUNAL DO TRABALHO

A instâncias da Câmara Municipal, sempre que seja necessário julgar causas afectas ao Tribunal do Trabalho, de Braga, o respectivo Tribunal deslocar-se-á a esta cidade, onde realizará os respectivos julgamentos no salão nobre da Câmara Municipal, ficando as despesas da deslocação do mesmo Tribunal a expensas da Câmara.

E' inútil encarecer a resolução desta medida, que poupa cansaças, trabalhos e despesas, às partes interessadas, pois é de esperar que não só aqui fiquem a realizar-se os julgamentos mas também os autos de conciliação que muitas vezes os precedem.

Inválidos; Instituição do «Pão dos Pobres de Santo António», Conferências de S. Vicente de Paulo, Cantinas Escolares e Montepio das Viúvas da Associação Artística.

Resta-nos, porém, encarecer o significado de um tão elevado gesto de humanidade, como aquele que tiveram os generosos benfeitores, ao quererem significar a um seu conterrâneo o seu muito apreço, a sua alta consideração, a sua grande estima.

Não podia ser mais expressiva a homenagem visto que, mercê dela — e isso deve ter enchido de alegria e de enorme satisfação o coração do nosso Embaixador no Brasil — centenas, muitas centenas, de pessoas que são acolhidas e carinhosamente amparadas pelas nossas Casas de Assistência, todas modelar e inteligentemente administradas, beneficiam do gesto filantrópico daquele punhado de bons portugueses e amigos dedicados e sinceros da nossa Guimarães, aos quais queremos publicamente expressar o mais profundo reconhecimento.

Ao mesmo tempo cumprimo-nos em fiel interpretação dos sentimentos dos nossos conterrâneos, que são também os seus conterrâneos, saudar, calorosamente, Sua Ex.^a o senhor doutor António de Faria, por cujas prosperidades pessoais formulamos os mais veementes votos.

E aproveitamos ainda o ensejo para vivamente o felicitar pela passagem do seu aniversário natalício ocorrido no pretérito dia 22.

Que Sua Ex.^a aceite, por nosso intermédio, as calorosas saudações dos habitantes de Guimarães, seus conterrâneos e admiradores.

Um grito cortara a noite escura, a noite morta, com uma estridência lancinante e terrível. Mas teria sido realmente um grito, esse som estranho e estardalhaçado que mais parecia rugido de leões feridas a quem arrebataassem as crias?! Fora um grito, sim, ou melhor dizendo dezenas de gritos, mas tão unidos na sua desgraça e expectativa terrificante que soaram numa só voz, qual coro macabro e fantástico no momento culminante da ansia louca em que se debatiam.

O quadro era desolador. Nem o coração mais indiferente o logriaria encarar de ânimo desprendido.

O mar — o gigante dos gigantes — mostrava o seu imenso poder. As ondas atingiam alturas espantosas e rugindo, irado e aterrador, parecia, de quando em vez, querer ultrapassar ainda a própria violência!

Foi num desses momentos, sem dúvida, que de todas as gargantas saiu irremediável e imenso esse grito colossal e fantástico que nada tinha de humano, pois se nos antolhava que só da guela de uns desses gigantes lendários, que vivem nas velhíssimas histórias ouvidas na nossa infância, se podia admitir, ou conceber, que saísse voz assim.

E' que a dor, a dor verdadeira, quando nos crava a sua garra, transporta-nos a um mundo insus-

peitado de loucura e demência onde deixamos de ser nós próprios para regressarmos ao estado primitivo e animal onde só o nosso coração ferido conta e onde nos sentimos como dilacerados no corpo e na alma por amor de aqueles a quem queremos bem.

Era um grande grupo o que na praia orava, gritava, chorava e blasfemava até!

Lá longe, no meio das águas revoltas, não muito distante do cais, os barcos «Senhora da Bonança» e «Páscoa de Jesus» lutavam.

Conseguiriam entrar?! Desapareceriam tragados, para sempre, pelas ondas escuras e coléricas que a todo o momento os parecia engulir?!

Mulheres deitavam-se para o chão, estorciam os braços ou os erguiam suplicantes enquanto ajoelhavam e clamavam em gritos que a estridência da tempestade abafava quase.

Era um quadro trágico, lancinante.

A fúria dos elementos não abrandava. Algumas pobres mulheres, esgotadas as forças, caíam em deliquos dos quais despertavam para voltar aos mesmos gritos, já roucas, quase afónicas.

A espaços soava o trovão e os relâmpagos iluminavam o comovedor espectáculo.

A «ti Zefa do Adão», a mulhe-

Os livros e a linguagem da ciência

Pelo Dr. José de Figueiredo Vasconcelos.

A meu filho António Carlos.

XVIII

A criação de uma língua universal da ciência em que se exprimem as diversas fórmulas e proposições já há muito preocupava filósofos e cientistas. Raimundo Lúlio, escritor do século XIII, antevia-a nos seus prognósticos, e todos os pensadores dessa época se entendiam por intermédio da ciência dos números. Depois, no século XVII, Francis Bacon preconiza em vários passos da sua obra a criação de uma matemática universal e com ela um simbolismo apropriado que penetre «no interior, na medula das próprias coisas». Descartes, por sua vez, concebe, na célebre noite de 10 para 11 de Novembro de 1619, nas proximidades de Ulm, a «ciência nova e universal... a ciência admirável»: a *mathesis universalis*, procurando por esse meio as relações inteligíveis das coisas e as suas expressões algébricas. Leibniz, numa carta a Galois, propõe também a formação de uma língua universal para a comunicação das diferentes noções científicas, na qual se põem em relevo os pensamentos e conceitos.

Os cientistas a partir da Renascença verificando que o Universo já não era uma coisa moral, como pensavam os medievais, mas um relógio a trabalhar mecanicamente, entregaram-se à matemática para a compreensão dos problemas e formação de novos métodos. Ressurgiu a ideia pitagórica dos números como base da concepção da vida e da harmonia do mundo. Já os filósofos da velha Grécia proclamaram que os números regulam os seres e as coisas, sendo a matemática a língua dos deuses. Mas foi depois dos trabalhos de Leonardo da Vinci, Galileu, Descartes, Kepler e Newton, que substituíram a física das qualidades com as formas substanciais aristotélicas pela física das quantidades, que a matemática logrou foros de língua universal, língua em que está escrito o livro imenso da natureza. Galileu Galilei num passo do livro *Saggiatore*, escreveu, referindo-se a esse livro da natureza: «*Egli è scritto in lingua matematica, e i caratteri son triangoli, cerchi ed altre figure geometriche, senza li quali mezzi è impossibile intendere umanamente parole.*» («O livro da natureza está escrito em linguagem matemática e os caracteres dessa escrita são triângulos, cir-

culos e outras figuras geométricas sem cujo auxílio é impossível compreender uma só palavra»).

Grandes momentos foram esses, em que se descobriram as leis do Universo, em que se reconheceu que a realidade é acessível à razão, o conjunto das proposições a que se reduz. Passou a matemática a imprimir carácter aos tempos novos e ao espírito científico. Mas o que importa salientar é que a cada progresso da ciência correspondeu uma nova simbólica, uma nova linguagem que facilitava o estudo dos fenómenos. Esse novo simbolismo quantitativo aparece nos trabalhos de mecânica de Galileu, nos estudos de geometria analítica de Descartes, no cálculo diferencial e integral de Leibniz e Newton, nos trabalhos de química de Lavoisier, Dalton e Berzelius. Descartes, por exemplo, operou certas transformações na álgebra, clarificando-a, substituindo os números por letras; reduziu a física, ciência da matéria, à geometria, ciência da extensão; converteu os problemas geométricos em problemas de álgebra, quer dizer, reduziu a extensão sensível à extensão inteligível. Descartes foi, pois, o grande pioneiro da concepção matemática do mundo: *omnia apud me mathematica fiunt*.

Graças aos estudos dos sa-

Presidente da Câmara

O nosso prezado amigo sr. João Maria Rodrigues Martins da Costa, que se encontra quase restabelecido dos seus incómodos, deu-nos no pretérito domingo a honra da sua visita, para manifestar-nos o seu reconhecimento pelo interesse tomado durante a sua doença.

Muito nos honrou aquela visita e muito nos congratulamos por constatar as melhoras daquele estimado vimaranense que em breve deverá reassumir as suas funções na presidência do município.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

A nossa briosa Corporação dos Bombeiros Voluntários solenizou, no pretérito dia 19, o seu aniversário, tendo o corpo activo com os seus Comandantes e respectiva Direcção assistido à Missa Estatutária, que foi celebrada na Basílica de S. Pedro.

Durante o dia o Quartel esteve patente ao público.

Tipografia IDEAL

Execução perfeita de todos os trabalhos

FARPAS

—... E a quem peço informações?

— Ainda está com questões E a contratar com manha? Que exquistas maneiras! Olhe que agora as *sopeiras* São de quem mais as apanha!...

— Quanto deseja ganhar?
— Duzentos. E se ficar Nesta casa, ao seu serviço, Quero sair aos Domingos Para *derreter uns pingos* No *Jordão* com o *grregio*.

— Mas não fala em ir à Missa!...
— Isso não. Tenho preguiça E um sono nada arisco... Mas se faz muita questão, Vou no *'spada* do patrão Só à tarde, a São Francisco.

— E então quanto a vestidos...
— Quero-os lindos, coloridos, Pra sempre andar aseada. Que não sejam de algodão... Quero-os de fino padrão, Seda *Altex*, estampada.

— Mas isso parece mal!
— Quer que eu ande de avental De renda, antigo, de peito? Isso agora não tem graça. E ouça: Pra ir à Praça, De cesta, não tenho jeito.

— E agora quanto a calçado...
— Um sapato bem lançado, De *'salto* de parafuso», Que seja o *'grito da moda*... Duns que até *'andam à roda* Na Sapataria Luso.

— E não deseja mais nada?
— Caso seja contratada Vou lembrando, lentamente. *'Squecia* o cabeleireiro, Pois não ando um mês inteiro Sem *'compor* a permanente!

Que com a *'Ressurreição*, Ressuscite a educação, A modestia, o bem estar. Que o mundo não seja toско E que a *'paz seja convosco*, Senhoras, donas dum lar!

Dermoa.

Sociedade Martins Sarmiento

Na reunião da Assembleia Geral de sócios da benemérita Sociedade Martins Sarmiento, realizada no passado dia 15, foram reeleitos, para a gerência de 1951, os seguintes devotados vimaranenses:

Alberto Vieira Braga, Alberto Costa, dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, eng.º Eleutério Martins Fernandes, dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Manuel Alves de Oliveira e coronel Mário de Vasconcelos Cardoso.

Mudança de Hora

Na madrugada do próximo dia 1 de Abril, conforme o que está determinado superiormente, os relógios deverão ser adiantados sessenta minutos, começando, desse modo, a vigorar a hora de verão.

Asilo de Santa Estefânia

A Empresa do Teatro Jordão, que está sem dúvida à cabeça dos benfeitores do Asilo de Santa Estefânia, faz reverter o produto das suas sessões da próxima segunda-feira a favor daquela instituição. Será exibido o filme *O Aventureiro Romântico* por Gregory Peck.

Estiveram em Festa

as nossas

Officinas de S. José

As Oficinas de S. José, uma das várias Instituições de Assistência de Guimarães que são nosso justo orgulho, pelo que representam no campo social, estiveram em festa, no dia 19, por motivo de ser o dia consagrado ao seu Patrono e fazer anos que se fundaram para acolher e educar os órfãos pobres, que desde então e em número de milhares por ali têm passado.

Naquele dia realizaram-se os actos constantes do programa que gostosamente publicámos no nosso último número. E após eles teve lugar a tradicional visita à Casa, durante a qual se realizou um interessante espectáculo e o sorteio e leilão de valiosas prendas.

Na mesma tarde e anuindo a um amável convite da Direcção das Oficinas, a imprensa de Guimarães visitou aquela Casa, sendo gentilmente recebidos os seus componentes pelos srs. Comendador P.º Augusto Borges de Sá, Presidente; Eng.º Alberto Costa Guimarães, José Mendes Ribeiro Júnior, dr. Carlos Saraiva, Belmiro Mendes de Oliveira e P.º António Alberto Ribeiro, incansável Director, que lhes dispensaram fidalgo acolhimento.

E todos tivemos, então, ocasião de apreciar o projecto das obras que vão realizar-se e que se iniciaram já, as quais importarão em mais de 500 contos mas que o Estado comparticipa e para as quais concorreram já, também, com valioso subsídio, o senhor Ministro do Interior, e com avultados donativos diversos e generosos benfeitores daquela Casa.

A actual Comissão Administrativa, seguindo nobremente a acção encetada pelas que a antecederam, tem procurado pugnar pelo engrandecimento daquela Instituição e está confiada esperançadamente que os vimaranenses continuarão a prestar-lhe o auxílio e coadjuvação de que tanto carece aquela modelar Casa de Assistência.

As obras que se encontram em curso compreendem três novos salões para aulas, dependências para a instalação das oficinas de tipografia, carpintaria, alfaiataria e sapataria, novo refeitório, balneários, etc.

De esperar é que tudo se faça por maneira a que num breve espaço de tempo, possivelmente daqui a um ano, se possa fazer a respectiva inauguração.

Rejubilamos com o que nos foi dito e mostrado no decorrer dessa visita e guardamos com profundo reconhecimento as palavras que foram dirigidas à imprensa, das quais compartilhamos, pelos srs. Comendador Augusto Borges de Sá e Eng.º Alberto Costa.

Aproveitando a oportunidade daquela visita, o nosso director fez entrega à Direcção das Oficinas da quantia de 10 mil escudos, parte do donativo que o «Notícias de Guimarães» recebeu de um grupo de compatriotas nossos residentes no Rio de Janeiro para, em homenagem ao ilustre Embaixador Dr. António de Faria, fazer distribuir pelas Instituições Beneficentes de Guimarães. E fez acompanhar essa entrega de algumas palavras de apreço por aquela casa e pelos homens que tão belamente a têm sabido administrar e acarinhar.

Mobília de Quarto

em madeira de castanho e eucaulipto com 8 peças; (Psyché com 3 espelhos em cristal), preço 2.850\$00.

Armazéns Alpimenta 75

Mar Revolto

rona mais forte e destemida de toda a classe piscatória, dementada, erguia o punho fechado em direcção à capela que perto da praia se erguia e gritava: S. José, quero o meu filho e o meu home senão quebro todos os vidros da igreja e atiro-te abaixo do altar!

Dos lados, casando-se com a sua, ouviam-se mais imprecações enquanto outras rogavam e imploravam, mas era em todas igual o desespero impressionante.

A Nazaré, essa, não gritava. Pálida como a cera, os olhos dilatados pelo terror, parecendo querer sair-lhe das órbitas, as mãos apertadas contra o peito num jeito de dor indizível, quedara-se assim. Era noiva. De aí a três dias devia casar nessa capelinha que a ti Zefa ameaçava com a violência da sua dor e do seu génio rude, mas que falava de Deus aos corações aflitos. O noivo, o seu Tónio, lá estava também lutando com as ondas para onde ela olhava louca e ansiosa, pois sabendo-o a pouca distância via-o cada vez mais perto da morte e mais longe do seu amor.

Era frágil casquinha de noz o

seu humilde barco. O «Senhora da Bonança» aguentava-se melhor e a sua companhia, apesar da igualdade do perigo, era maior e mais novo, porque no resto as duas tripulações igualavam-se em valentia.

Esperando os relâmpagos para ver melhor, apertava sempre as mãos contra o coração e os olhos pareciam querer trespassar o espaço. Apesar da agonia em que estavam, algumas mulheres tentaram insuflar-lhe esperança, mas nem as ouvia. «A cachopa está doída», exclamavam, e deviam ter razão, pois de ali à loucura não havia, por certo, de mediar grande distância «Páscoa de Jesus... Páscoa de Jesus...» começou dizendo baixo, e, de repente, caiu de joelhos e de mãos postas, os braços bem erguidos e os olhos fixos no Céu, clamou o mais alto que pôde: «Senhor Jesus, se me trouxerdes são e salvo prometo que vos darei um cirio do seu altar e da grossura dos seus braços e um coração em cera... Senhor Jesus, estamos quase na Páscoa... Páscoa de Jesus e um barco Vosso tendes que o salvar que no dia de

Páscoa cumpriremos a promessa».

Como que iluminada gritava: «Jesus! Jesus! ouviste-me já sei. Louvado sejas, para todo o sempre, Jesus milagroso, meu bom Jesus!»

As mulheres, como que galvanizadas, tinham dado breve trégua aos seus choros receando que tal explosão fosse um acesso de loucura.

Mulheres — começou ela dizendo delirante — não chorem mais, não morrerá ninguém! Jesus e a Senhora da Bonança vão guiá-los, confiai.

As pobres criaturas entreolharam-se apiedadas apesar dos seus choros.

Um trovão soou mais longe, a tempestade afastava-se.

Começaram caindo grossos pingos de chuva e, de repente, como se todas as nuvens se desfizessem em água, a chuva passou a ser um autêntico dilúvio, mas da praia ninguém arredou pé.

O mar estava já menos irado e aos poucos, à custa de esforços titânicos, os barcos aproximavam-se.

Toda a gente caíra de joelhos e apesar de escorrer em água ninguém sentia a chuva, e a Nazaré que de olhos enxutos arrostara a tempestade, desfazia-se agora em pranto.

«Páscoa de Jesus» e «Senhora da Bonança» atracaram por fim e homens molhados até aos ossos

pela chuva, pelo suor do esforço e da angústia, e até decerto pelas lágrimas, saltaram para terra firme.

Dizer as cenas loucas e comovedoras causadas por tão grande alegria, após tão grande dor e ansiedade, não é de forma alguma possível.

E' bem pobre, bem ínfima a palavra ante momentos de tal grandiosidade.

Tempos passaram e no meu espírito a recordação do que acabo de vos referir ia-se já esbatendo, quando, ontem, de novo, o meu coração pulsou aceleradamente, pois se me desenvolveram ante os olhos, como que numa evocação maravilhosa e terrível, as comovidas cenas dessa espantosa noite de tempestade.

E' que fui à missa, à capelinha branca dos pescadores, e junto do altar do Bom Jesus descobri, emocionada, um cirio alto e grosso e um coração de cera.

Uma mão de ferro me apertou o coração e a garganta, e lágrimas doces e irremediáveis, me inarream os olhos.

E' que a Nazaré e o Tónio, felizes e agradecidos, tinham cumprido a sua promessa.

Páscoa 1951.

ZITA DE PORTUGAL.

FUTEBOL

da cidade

Apesar de domínio constante, o Vitória não logrou alcançar o triunfo.

Revestiu-se este encontro daquelas características, (nervos, pouca coesão nos lances, diminuta convicção das suas possibilidades no conjunto da equipa, e tática indefinida), que predominaram nos últimos jogos, e que levaram a turma vimaranense à angustiada situação que ocupa na tabela da classificação geral.

Táctica indefinida... que, neste jogo, ressaltou da sistemática insistência de «encurralarem» os adversários no seu meio campo, que, aglomerados de uma maneira tal, poucas brechas ofereceram pelas quais houvesse possibilidades de rematar com êxito.

Acrescente-se a este facto, o olvido a que esteve sujeita a asa esquerda, pelo que se «teimou» em conduzir, frequentemente, as jogadas pelo lado que foi menos prático: o direito.

Se se tivesse verificado um triunfo dos vimaranenses, em nada viria beneficiar, visto que, o Vitória de Setúbal, «consequindo» bater pela tangente (2-1) o Oriental, desfz-lhe todas as esperanças, mesmo até o desejo de não disputar o jogo de competência, que até ao dia da sua realização ainda nos trará em sobressalto.

E se o Olhanense tivesse triunfado sobre o campeão nacional?...

**

Tornar-se-ia maçador descrever, esmiuçadamente, todos os lances e fases por que passou o encontro, pelo que nos limitaremos a focar aqueles e aquelas dignos de referência. Começaremos pelo lance que antecedeu o tento da turma local, o primeiro do encontro, verificado aos 24 minutos iniciais.

Nasceu ele de uma troca de passes entre Franklim e Alcino, e deste, a cruzar, para Rebelo que, facilmente, enfiou a bola nas redes de Cesário.

Momentos antes, Matias fizera uma excelente abertura a Alcino que, na sequência do lance, esbarrou a bola na trave.

Pouco depois, o guarda-bracarense defendera para canto um forte remate de Franklim.

A partir da obtenção do tento, o jogo, que vinha sendo disputado a meio do terreno, começou a desenvolver-se na área defendida pelos visitantes, com evidente perigo para as suas balizas.

Mas, pouco tempo se mantiveram os vimaranenses em vencedores.

Decorridos que eram 37 minutos de jogo, os bracarenenses estabeleceram a igualdade, mercê de um tento de autoria de Eloy. Este jogador recebeu a bola de Diamantino, que se subtraía à vigilância de Costa, e, com um remate fraco, mas com conta, bateu Silva.

No recomeço, o comando da partida continuou, mas com mais incisão, no poder dos visitantes, que, com continuos ataques, assediaram, com frequência, as balizas de Cesário, mas sem resultados práticos.

Consequentemente, foi o guarda-bracarense chamado, a miude, a intervir, para defender com segurança, nos momentos em que o seu bloco defensivo falhava, executando um bom punhado de defesas, nomeadamente aquela com que respondeu, num magnífico voo, a um remate colocado, de longe, de Franklim.

E desta feição, terminou o encontro sem que o resultado se alterasse.

Boa arbitragem do sr. António Serrano.

Os grupos formaram:

Vitória:—Silva, Vieira, Cerqueira e Costa; Magalhães e Matias; F. Mota, Rebelo, Brioso, Alcino e Franklim.

Braga:—Cesário, Palmeira, A. Marques e Abel; Moreira e Joaquim; Diamantino, Eloy, Mário, Celso e Ferreira.

F. Camisão.

N. da R.

Por falta de espaço não nos é ainda hoje possível inserir uma crónica sobre o jogo de Hoquei em Patins, realizado nas Taipas, do nosso prezado colaborador sr. F. Camisão.

Fá-lo-emos no próximo número.

BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Transporte	630\$00
Recebido de um grupo de nossos compatriotas, residentes no Rio de Janeiro e em homenagem ao ilustre Embaixador de Portugal, doutor António de Faria, nosso prestimoso conterrâneo (a)	56.075\$00
Família de D. Maria do Espírito Santo Alves Ferreira Oliveira, sufragando a sua alma (b)	100\$00
Luis Alijó de Lima, do Rio de Janeiro (c)	200\$00
A transportar	57.005\$00

(a) A distribuição da importância agora recebida foi por nós distribuída do seguinte modo:

Santa Casa da Misericórdia, Oficinas de S. José e Asilo de Santa Estefânia, 10 contos a cada; Asilo de Mendicidade dos Santos Passos, 7.500\$00; Casa dos Pobres, 5 contos; Creche da V. O. T. de S. Francisco e Asilo dos Inválidos da V. O. T. de S. Domingos, 2.500\$00 a cada; Instituição do Pão dos Pobres de Santo António, 2.575\$00; Conferências de S. Vicente de Paulo de S. Paio e S. Sebastião, 1.000\$00 a cada; Conferência de S. Vicente de Paulo da J. E. C., 1.000\$00; Montepio das Viúvas da Associação Artística Vimaranense, 1.000\$00; Cantina Escolar Vimaranense e Cantina Escolar D. Maria José da Silva Costa, 500\$00 a cada.

Total, 56.075\$00.

(b) Contemplámos diversos pobres e doentes muito necessitados.

(c) Para solenizar a Páscoa distribuímos esta importância em esmolas de 10\$00 por 20 pessoas muito necessitadas.

EXPOSIÇÃO de Máquinas «OLIVA»

Esteve patente ao público durante alguns dias, no salão nobre do Grémio do Comércio, uma interessante exposição de máquinas de costura Oliva, que representam uma importante realização da indústria nacional, estando a fábrica construtora instalada em S. João da Madeira.

Para a visita inaugural da exposição recebemos amável convite do agente daquela afamada máquina em Guimarães, sr. José de Freitas Neves, o que nos apraz agradecer ao mesmo tempo que, felicitando-o pela iniciativa, desejamos-lhe e aos seus representados as maiores prosperidades.

Dizemos ainda que muitas foram as pessoas que durante quatro dias estiveram de visita à exposição e que, apreciando o funcionamento das máquinas, muito as apreciaram.

"A IMPERIAL"

continuando a trilhar o caminho do progresso, apresenta a V. Ex.ª uma colecção de artigos próprios para presentear.

CONFIE OS SEUS GOSTOS A ESTA CASA

«A IMPERIAL»

Rua de Santo António, 32/34
Telefone 40157
GUIMARÃES

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 26, a sr.ª D. Ana Pereira Gonçalves Soares, esposa do nosso bom amigo sr. Amadeu Soares, amanuense da Santa Casa da Misericórdia; no dia 27, a sr.ª D. Maria Eduarda de Oliveira Bastos; no dia 28, as sr.ªs D. Ana da Costa Barroso e D. Angelina Martins Ribeiro, esposa do sr. António Pereira Caldas, de Gondar, e o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Simão António Fernandes; no dia 29, a sr.ª D. Deolinda Lobato Braga, esposa do nosso bom amigo sr. Alberto Vieira Braga, e os nossos bons amigos srs. António de Carvalho Jacinto e João Passos Ferraz; no dia 30, o nosso bom amigo sr. José Nunes Pinto; no dia 31, o nosso prezado amigo sr. Pedro Nunes de Freitas, a sr.ª D. Conceição da Costa Barroso e o menino Vitor Manuel de Matos Machado, filho do nosso bom amigo sr. José de Freitas Machado, industrial em Tomar; no dia 1 de Abril, as sr.ªs D. Emília Ciampelle Teixeira de Aguiar, D. Irene Gomes Fernandes Guimarães, D. Carmen Fernanda Vilaça Ferreira Oliveira, D. Adelina Campos de Sousa Guise Ferreira Leite e D. Maria da Silva Ferreira e o nosso prezado amigo sr. Francisco Ribeiro de Castro.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Com sua esposa, irmão sr. Alfredo Faria Martins e cunhada, partiu para Sevilha, a fim de assistir à Semana Santa o nosso bom amigo sr. José Faria Martins.

— Esteve nesta cidade o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Dr. Gabriel Teixeira de Faria, a quem cumprimentamos.

— Cumprimentamos nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Raúl da Silva, de S. João da Madeira. — Regressaram de Lisboa os nossos bons amigos srs. José Maria Machado Vaz e Manuel Paulino Ferreira Leite.

— Têm estado nesta cidade, com suas esposas, os nossos prezados amigos srs. Dr. Serafim Ferreira de Oliveira, residente em Lisboa; Dr. Gaspar Gomes Alves, residente em Vila da Feira e Eduardo Pizarro d'Almeida, residente em Tondela. — Com sua família partiu para Nave a passar as férias de Páscoa o nosso prezado colaborador sr. Professor Martins Lima.

— Também partiu para Fão o nosso prezado amigo sr. P.º Avelino P. Borda.

— De Madrid, onde esteve a tomar parte num Congresso Científico, regressou à sua casa de Meilão, Aguas Santas — Ermezinde — o nosso querido amigo e distinto médico cirurgião sr. Dr. António Paúl.

Nascimentos

Em casa de seus pais, em Silveiras, nasceu um menino, filho da sr.ª D. Maria Manuela Figueiredo e Silva Cunha e do sr. Manuel Gonçalves da Cunha. Mãe e filho estão bem. Parabéns.

— Também deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Cândida Pereira Machado, esposa do sr. Afonso Machado. Parabéns.

Doentes

Em Santos (Brasil), têm passado doentes os nossos queridos conterrâneos e amigos srs. Gaspar Lopes Martins e seu irmão Amaro Lopes Martins.

Fazemos votos pelo seu mais breve e completo restabelecimento.

— No Hospital da Ordem da Trindade, do Porto, onde se encontra em quarto particular, foi recentemente submetido a uma intervenção cirúrgica a sr.ª D. Olinda de Oliveira Lencastre, sobrinha do nosso prezado amigo sr. Antão de Lencastre.

Desejamos a todos os doentes o mais breve e completo restabelecimento.

Vida Católica

Semana Santa

Revestidas embora de muita simplicidade, realizaram-se durante a semana que findou as cerimónias da Paixão e Morte de Jesus.

Na quinta-feira os templos foram extraordinariamente visitados durante a tarde e principalmente nas primeiras horas da noite e percorreu-os a tradicional PROCISSÃO DE ENDOENÇAS que,

promovida pela Mesa da Irmandade da Misericórdia, pouco depois das 20 horas saiu da sua Igreja.

No préstito religioso, que atravessou as ruas no meio do mais respeitoso silêncio da população, tomaram parte numerosos irmãos.

Sob o Pálio o Rev. P.º Luís Gonzaga da Fonseca conduzia o Santo Lenho. Atrás do pálio também seguia o Provedor da Misericórdia sr. Mário de Sousa Meneses e os comandantes da G. N. R. e L. P.

Na 6.ª-feira de tarde percorreu as ruas da cidade uma Via Sacra, em que tomaram parte diversos sacerdotes e centenas de fiéis.

Hoje e em todo o concelho efectua-se com todo o brilho a VISITA PASCAL.

Falec. e Sufrágios

D. Maria do Espírito Santo Alves Ferreira Oliveira

Na madrugada de domingo e na sua residência ao Largo do Toural, finou-se inesperadamente, vitimada por um colapso cardíaco, a sr.ª D. Maria do Espírito Santo Alves Ferreira Oliveira, de 74 anos, esposa amantíssima do conceituado comerciante local, proprietário da Casa Oliveira e Silva, sr. José Pinto Pereira de Oliveira, mãe extremosa da sr.ª D. Joana Ferreira de Oliveira Rodrigues, casada com o distinto advogado sr. Dr. José Pinto Rodrigues, e dos srs. Francisco Ferreira de Oliveira, Dr. Serafim Ferreira de Oliveira, casado com a sr.ª D. Albertina Maria Caramalho de Oliveira, José Ferreira de Oliveira, casado com a sr.ª D. Elvira de Castro de Oliveira, António Ferreira de Oliveira, casado com a sr.ª D. Fernanda de Lourdes Sá Oliveira, e Custódio Ferreira de Oliveira, e irmã das sr.ªs D. Rosa, D. Tereza e D. Armanda Alves Ferreira e dos srs. Domingos, Américo e António Alves Ferreira, e cunhada do sr. Tenente Alberto Carvalho de Melo.

O seu inesperado passamento causou muita consternação. A extinta era dotada de acrisoladas virtudes.

O funeral que constituiu uma significativa manifestação de pesar, em que tomaram parte muitas pessoas de todas as camadas sociais, algumas corporações religiosas e instituições beneficentes, representantes de colectividades económicas, culturais e desportivas, teve lugar na terça-feira de manhã no templo da Misericórdia e o cadáver foi, após o serviço fúnebre, trasladado em auto-funeral para o cemitério de Atouguia, tendo-se incorporado no préstito dezenas de automóveis, que conduziam muitas pessoas das relações da família dorida.

A chave do caixão foi entregue ao sr. Fernando António de Almeida.

Em sufrágio da alma da saudosa sr.ª sua família fez distribuir alguns donativos pelas Casas de Beneficência.

(Ver secção «Beneficência do Notícias».)

A toda a família dorida apresentamos a expressão do nosso muito pesar.

D. Maria da Conceição Flores de Matos Chaves

Faleceu na madrugada de ontem, na sua residência à Rua Dr. Joaquim José de Meira, a sr.ª D. Maria da Conceição Flores de Matos Chaves, esposa amantíssima do nosso prezado amigo e distinto professor sr. Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves, mãe extremosa da sr.ª Dr.ª D. Ana Maria Flores de Matos Chaves Figueiredo e do sr. Fernando Flores de Matos Chaves, irmã das sr.ªs D. Albina Iracema de Quadros Flores e D. Rosa da Purificação Flores de Magalhães e do nosso prezado amigo sr. Coronel António de Quadros Flores, sogra do sr. Dr. Francisco Fernandes Figueiredo e cunhada dos nossos amigos srs. Paulino de Magalhães e Francisco de Matos Chaves.

O inesperado acontecimento causou muita consternação. A extinta era possuidora de excelentes dotes de bondade e de educação, sendo geralmente estimada no meio.

O seu funeral realiza-se amanhã, às 10,30 horas no templo de Santo António dos Capuchos.

A toda a família dorida apresentamos a expressão do nosso muito pesar.

Gaspar Alves Pimenta

Na sua residência à rua 5 de Outubro (Trinas) e após prolongados e cruciantes sofrimentos, finou-se, ontem de manhã, com 48 anos, o sr. Gaspar Alves Pimenta, casado com a sr.ª D. Maria da Madre de Deus Melo Pimenta e pai das sr.ªs D. Maria Olga, D. Ruth da Nazaré e D. Maria da Glória Melo Pimenta e dos srs. Gaspar, Fernando e Luís Afonso de Melo Pimenta.

O seu funeral realiza-se amanhã, às 10 horas, no templo da Misericórdia.

A família dorida apresentamos condolências.

Joaquim Gomes de Oliveira

Na Ordem Terceira de S. Domingos, onde estava como pensionista, faleceu inesperadamente na manhã

Oficinas de Calçado

«Século XX»

apresentam na Sapataria Luso

ao mesmo tempo que em LISBOA os mais recentes modelos para a PRIMAVERA.

Modelos exclusivos da Sapataria Luso

Sociedade Protec. dos Animals CONVOCAÇÃO

Em cumprimento de disposições legais, convoco os sócios desta colectividade para se reunirem em Assembleia Geral, Ordinária, no dia 25 do corrente, pelas 10 horas, na sede social, sita à Rua da Rainha, com a seguinte

ORDEM DO DIA:

- 1.º — Leitura da acta da sessão anterior;
- 2.º — Apresentação e aprovação do Relatório, Balanço e Contas da Gerência do ano de 1950;
- 3.º — Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1951.

Se não comparecer número legal de sócios, fica a mesma Assembleia transferida para o dia 1 de Abril, à mesma hora e no mesmo local, funcionando, meia hora depois, com qualquer número de sócios presentes.

O Presidente da As. Geral,
Mário de Sousa Meneses.

D. Maria do Espírito Santo Alves Ferreira Oliveira

MISSA DO 7.º DIA

A família da saudosa extinta manda rezar amanhã, dia 26, pelas 8,30 horas, no templo da Misericórdia, a Missa do 7.º dia e antecipadamente se confessa muito penhorada a todas as pessoas das suas relações e amizade que a honrem com a sua assistência ao piedoso acto.

Guimarães, 25 de Março de 1951.

A FAMÍLIA.

de terça-feira última, o antigo comerciante sr. Joaquim Gomes de Oliveira, pai do sr. Manuel Gomes de Oliveira, estimado comerciante e industrial a quem, assim como a demais família dorida, apresentamos condolências.

O seu funeral realizou-se na 4.ª-feira na capela daquela V. O. Terceira, tendo-se incorporado no préstito a Corporação dos B. V., de que era Sócio Honorário.

A Missa do 7.º dia por alma do extinto realiza-se amanhã, às 8 horas, na capela da Ordem de S. Domingos.

Francisco Gaspar Delgado Bourbon do Amaral e Freitas

Finou-se no passado domingo o sr. Francisco Gaspar Peixoto Bourbon do Amaral e Freitas, filho da sr.ª D. Maria Amélia da Conceição Sampaio Bourbon do Amaral e do falecido advogado sr. Dr. António do Amaral, e irmão das sr.ªs D. Maria da Purificação, D. Maria Manuela, D. Maria da Conceição Bourbon do Amaral e dos srs. António Bourbon do Amaral e Gonçalo Bourbon do Amaral.

O seu funeral realizou-se na terça-feira na paróquia de S. Sebastião, perante numerosa e selecta assistência, tendo fechado o caixão o tio do extinto sr. Coronel Duarte do Amaral.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

De luto

Pelo falecimento de sua sogra ocorrido na pretérita semana, guarda luto o nosso prezado amigo sr. David Cepa, a quem apresentamos condolências.

— Também guarda luto pelo falecimento de uma sobrinha, o sr. João da Silva, agulheiro, da estação de Covas.

Os nossos pêsames.

Teatro Jordão

HOJE, N'S 15 E 21 HORAS
APRESENTA

Outro notável triunfo do grande produtor de «Cartas de Amor» e «Casablanca»

ZONA PROIBIDA

com
Burt Lancaster, Paul Henreid,
Claud Rains, Peter Lorre
e Corine Calvet

Um elenco como poucos filmes tem reunido.

SEGUNDA-FEIRA, 25 -- N'S 15 E 21 HORAS

Gregory Peck - Helen Westcott em

O AVENTUREIRO ROMÂNTICO

Não se trata de um vulgar filme de Oeste, mas sim de uma obra de categoria invulgar, interpretada por um dos maiores actores de Hollywood.

TERÇA-FEIRA, 27 -- N'S 21 HORAS

Jane Wyman
(a actr. de «Belinda»)
e Marlene Dietrich em

Pavor nos Bastidores

(Tecnicolor)

Um filme dramático e misterioso.

QUINTA-FEIRA, 29 -- N'S 21 HORAS

Joan Crawford - Zachary Scott em

O CAMINHO DA RENDIÇÃO

Um drama de alta categoria.

BREVEMENTE: 127

CINDERELA CINDERELA CINDERELA A GATA BORRALHEIRA

D. Carlota de Jesus da Silva

(Paula)

AGRADECIMENTO

A família da saudosa extinta vem por este meio cumprir o dever de testemunhar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que lhe apresentaram condolências ou tomaram parte no funeral, protestando-lhes a sua indelével gratidão.

Guimarães, 20 de Março de 1951.

A FAMÍLIA.

128

"A IMPERIAL"

com o desejo de uma Páscoa Feliz, lembra a V. Ex.ª que nesta casa encontra variados artigos de fino gosto, próprios para presentear.

«A IMPERIAL»

Rua de Santo António, 32/34
Telefone, 40157
GUIMARÃES

Os livros e a linguagem da ciência

Continuação

bios, a matemática aumentou o seu campo de acção, alargou a esfera dos seus conhecimentos e ficou a constituir um óptimo instrumento de expressão, sistematizando leis e teorias. Em todas as ciências, o estudo dos fenómenos tem a sua representação matemática para que se repitam as experiências e se efectuem os cálculos. O aparelho matemático é, pois, imprescindível no estudo dos problemas, na análise construtiva e operacional.

Convém, contudo, notar que as matemáticas são independentes da existência das coisas. Bertrand Russel chegou a afirmar que mesmo que não existisse o universo, continuaríamos a ser verdadeiras as proposições matemáticas que se formularam. Na verdade, as matemáticas não revelam a realidade, não patenteiam o mundo das coisas. São construções abstractas que se firmam em princípios gerais, sem referências a objectos particulares ou a entidades específicas.

São, como linguagem, a arte de dar o mesmo nome a coisas diferentes. Por exemplo, o número seis tanto pode ser aplicado a peixes, como a maçãs, livros ou crianças. As relações entre os grupos de coisas são independentes da natureza dos componentes reais desses grupos. Em suma, as matemáticas, expostos os seus teoremas, não se preocupam com a aplicação prática deles. Bertrand Russel escreveu sobre isto a significada legenda: «*Mathematics may be defined as the subject in which we never know what we are talking about, nor whether what we are saying is true.*» (As matemáticas podem ser definidas como a ciência em que nunca se sabe de que se fala, nem se o que se diz é verdade). Daí vem o carácter abstracto e generalizador das matemáticas. Formam, até certo ponto, no domínio da alta especulação, um mundo espiritual que se prende ao mundo físico, interpretando-o e alargando-o. Platão reconhecia que as formas e os objectos da matemática eram intermediários entre o mundo das ideias e o mundo sensível.

A ciência, a física, a astronomia, em especial, vão buscar à matemática «*um vocabulário e uma escrita*» no dizer de Jacques Hadamard; precisam da linguagem dos números e do cálculo para exprimir com clareza e rigor os factos que verificam e as teorias em que os englobam. Nessa língua os termos são precisos, os conceitos perfeitamente definidos. Se, nalguns casos, houve um certo período em que se apuraram os conceitos, como por exemplo o de racional e o de força, veio depois a disciplina do pensamento com o seu método e rigor restabelecer a ordem e a clareza.

A ciência lucra sempre com a formulação matemática das questões. A nova concepção do Universo é formulada matematicamente. Só o génio de Alberto Einstein a pôde conceber, mas sem os cálculos, sem as equações não encanta o espírito, não maravilha a mente: deixa de ser teoria para ser uma divagação simples. Que seria a teoria das ondas electro-magnéticas de James Clerk Maxwell sem as respectivas equações do campo electro-magnético? Não tinham estas para ele mais realidade do que os fenómenos do laboratório? Não ofereciam elas melhor conhecimento das propriedades das mencionadas ondas que mais tarde foram provadas e

demonstradas brilhantemente por Hertz? Com razão diz James Jeans no seu livro — *O Universo Misterioso, «a mesma concepção implica, necessariamente, residir a verdade final relativa a um fenómeno na descrição matemática do mesmo; sendo perfeita essa descrição, torna-se completo o nosso conhecimento do fenómeno. Se formos além da fórmula matemática, fá-lo-emos com risco próprio...»*

Evidentemente que a matemática não pretende saber o que as coisas são; a sua linguagem é a do pensamento abstracto alheio a figuras sensíveis. Constitui

an independent world created out of pure intelligence.

Contudo, para unificar a ciência, modernos estudos sobre logística e os da Escola de Viena, mostraram a necessidade de criar um novo *instrumentarium* que uniformizasse as diversas terminologias e simbolismos científicos, para que com isso se desse realização plena ao velho ideal da ciência unitária e da sua expressão.

Continua.

ERRATA: A *Crítica da Razão Pura* é de Kant, e não de Shopenhauer como por lapso tipográfico vem nos Livros reais, artigo publicado no número 997 deste jornal.

Em Domingo de Páscoa

(Continuação da 1.ª página)

sua pedra. E desculpe a brincadeira. Mas se soubesse como me sinto só e como é agradável poder trocar algumas palavras com uma pessoa assim tão, tão...

Helena corou e, sentiu, do lado do coração, um calorito e um tique-taque mais apressado que lhe não souberam mal.

E tomaram o hábito de ali se encontrarem todas as manhãs.

Até que uma vez ele perguntou:

— Quer aparecer logo em minha casa?

Pois sim; mas não me disse que a sua mãe era um tanto... como dizer?...

— Exclusivista. Só ela é que ordena e quer. Ninguém lhe toque em qualquer serviço da casa que não seja por alvitre seu. E' minha mãe, gosto muito dela, mas reconheço-lhe essa tendência para uma espécie de pequena tirania.

— Então?

— Então... foi ela que me disse para a levar até lá. Deseja vê-la. Temos que a desculpar, pois é doentíssima. Aqueles nervos...

Era uma senhora de tez pálida e aspecto sofrido. Tinha receio de morrer e deixar o filho sozinho, pois via o mundo todo povoado de monstros à sua volta.

Por zunzuns soubera da existência da Helena e receando que o filho se lhe prendesse, quis vê-la.

Quando ela apareceu, fresca e simples no seu vestido cor-de-ciclame com pintas brancas, o cabelo curto e os olhos serenos, por mais que quisesse considerá-la como inimiga — não pôde.

Conversaram, tomaram chá e ela deixou-se mesmo servir de mais uma colher de açúcar e de mais um biscoito.

— Amanhã é domingo de Páscoa. Vem cá o senhor abade. Se quiser, esteja aqui ao meio-dia.

Com naturalidade, Helena perguntou:

— Queixou-se de ter muitas jarras para encher de flores. Posso vir mais cedo e ajudá-la-ei, quer?

A mãe carregou as sobranças. Carlos ficou de respiração suspensa e lançou reprobativo olhar a Helena: pois não a prevenira já de que a mãe não consentiria nunca que alguém a auxiliasse em determinadas tarefas caseiras?

Houve um instante de silêncio pesado.

Em seguida, a dona da casa disse:

— Está bem. Venha. Espere-a às dez horas.

Dia de Páscoa!

O ar sabia a mel; palmas e flores juncavam os caminhos; da janela do solar pendiam colchas de damasco antigo e o sol era dádiva de optimismo em oferta de esperança.

Quando o senhor abade chegou, a toalha bordada parecia neve sob a cintilação das salvas que ostentavam o páo-de-ló, o vinho do Porto, os ovos, o sobrescrito fechado... Por todos os lados havia flores, ora nas taças baixinhas ora nos jarrões como arbustos de esplendor suavíssimo.

Quando, de joelhos, a dona da casa se preparava para beijar o Crucifixo, viu que o filho ajoelhava à sua direita. Sorriu-lhe e fez um gesto a Helena: para que ajoelhasse à sua esquerda.

Ambos a ajudaram depois a levantar.

Agradeceu e, pegando nas mãos de um e outro, em voz cansada mas feliz, disse:

— A minha vida já vai no crepúsculo. Sinto-me, de súbito, terrivelmente cansada! Helena, quer ajudar-me?

— Mas de certo! Que deseja que eu faça, minha senhora?

— Quer ajudar-me a fazer o Carlos feliz?

AURORA JARDIM.

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

(Continuação da 1.ª página)

Subindo as escadas em lugar de se dirigir para a saída, acrescentou:

— Será melhor entregá-lo às autoridades...

— Dizes muito bem... — concordou D. Estefânia deitando o inocente no sofá e aconchegando-lhe as almofadas em redor do corpinho:

— Olha por ele enquanto vou amornar uma pinga de leite.

Quando voltou encontrou o Silva a virar e a revirar um papel nas mãos:

— Custou-me a decifrar a charada! Queres ouvir?

— Quero ouvir, o quê?

— O bilhete que lhe caiu da roupinha...

— Ah! pois quero! Ora lê!

— *«Pedia o favor do menino se chamar Augusto. Talvez apareça mais tarde para contar quanto sou desgraçada».* Cabra! — concluiu ele por entre dentes.

— Cala-te! Sabe-se lá quem é o verdadeiro culpado!?

.....

O menino ficou.

Raiou o sol de felicidade, na casa sombria. O casal desavindo tornou-se um casal modelo. Que a única razão de queixa do senhor Silva não era outra senão a falta de descendência...

— Assim nem vale a pena trabalhar!... — lamuriava às vezes.

Desejara-o do fundo da alma, desejava-o ainda ardentemente, o sonhado herdeiro!

Tamanho anseio de paternidade causara bastantes dissabores à D. Estefânia, por via das tentativas extra-conjugais, aliás infrutíferas...

Queriu um filho, ilegítimo que fosse, mas o destino porfiava em contrariá-lo sempre de qualquer maneira:

— Se eu tivesse casado com Fulana ou Beltrana podia agora ver uma ranchada à minha volta...

Assim passaram a mocidade questionando eternamente sobre o mesmo tema. Pessoas bem intencionadas aconselhavam-nos a adoptarem um orfãozinho.

— Nada, nada! Um cá do meu sangue é que havia de ser...

Este, porém, entrara-lhes pela porta dentro enviado pela mão de Dets. Toda a sede de amor daquelas almas se encontrou no misterioso enteado. Nunca no mundo houve filho mais querido, mais estremosos pais. Em compensação nunca houve no mundo filho mais dedicado, coração mais grato.

Foi pela Páscoa de 1920. Já lá vão trinta, perdão — faz hoje trinta e um anos.

Na antiga casa sombria há agora dois Augustos — o Gusto e o Gustinho — e uma nora ideal expressamente criada para desmentir a lenda de certas incompatibilidades femininas, rodeando de carinhos um casal de venturosos octogénios que riem e brincam tão crianças como o neto.

.....

Da desgraçada mãe — quem maior desgraça do que a de ter de repudiar o fruto das próprias entranhas? — não houve notícias até à data. Nem, provavelmente, as haverá já. Ela também não dera a certeza. Escreveu talvez...

«Talvez... talvez a morte a não deixasse. Ou talvez a vida, a má vida, se encarregasse de afastar definitivamente do filho.»

Mas da boca de D. Estefânia — da boca da verdadeira mãe do enjeitado — jamais saiu uma palavra de recriminação contra a outra. A santa senhora bem sabe, em sua imensa piedade, que neste vale de lágrimas há muita cruz inglória, muito calvário sem ressurreição!

LUDOVINA F. DE MATOS.

Mobília de Sala de Jantar em madeira de castanho e eucalipto com 9 peças; (Aparadores com espelhos em cristal), preço 2.350\$00.

Armazéns Alimenta 75

NÃO PINTE O SEU CABELO; faça-o regressar pouco a pouco com

LOÇÃO DE COLÓNIA "MIN-HÓR"

No PORTO: na Farmácia de Sá da Bandeira e na Drogaria Castilho.

Em LISBOA: Centro Farmacêutico, L.da — Rua de Eugénio dos Santos, 86.

Em GUIMARÃES: Farmácia «Hórus».

128

Não se esqueça

De visitar no Toural a Casa Jaime. E' um novo estabelecimento de Camisaria, Gravata, Chapelaria, Malhas, Gabardines, Luvas, Perfumarias e Brinquedos. 17 Artigos bons, bonitos e baratos.

CASA JAIME ao Toural NÃO SE ESQUEÇA

Máquinas de costura «HUSQVARNA» a melhor garantia

Motores VAP para bicicletas

Batata de Semente nacional e estrangeira

Alfaias agrícolas

AOS MELHORES PREÇOS

L. NUNES PINTO 16

À FEIRA DO PÃO

OFERTAS E PROCURAS

VENDAS EM LISBOA

Comerciante-Industrial, em Lisboa, aceita representante ou mostruários para vendas a comissão ou c/ própria, dos seguintes artigos: Riscados, cotins, malhas, colchas, atalhados, cutelarias, pentes, etc. Dão-se todas as referências sobre qualidade de trabalho e honestidade. Respostas para G. V. L. — Havas — R. de S. to António, 118-1.º — Porto. 132

Loja ALUGA-SE, para comércio, no Largo da República do Brasil, 45 131

Quartos Alugam-se 2 a pessoas de respeito. Esta Redacção informa. 58

COMPRAM-SE

Teares mecânicos em 2.ª mão. Resposta à redacção. 83

BALANÇA Vende-se 1 em bom estado, fabrico de António Pessoa. Prestam-se informes na nossa redacção. 79

ESCRITAS

Aceitam-se, em horas a combinar, mesmo fora da cidade. Nesta redacção informamos. Telefone, 4313. 87

Alfinete de ouro —

PERDEU-SE no domingo, depois do desafio de futebol, desde a Pastelaria Colonial até à Rua Dr. José Sampaio. Gratifica-se quem o entregar na nossa redacção. 130

Semente milagrosa de eucaliptos gigantes americanos, esta qualidade, pela primeira vez, semeada em Fevereiro do ano passado, pode ser vista com 7 metros. Desta semente informa: Padaria Flor do Norte — Santa Marta de Penafiel. Proprietários de mentalidade, semeai esta semente que em poucos anos é uma fortuna. 119

Ajudante de Guarda-Livros

Com 17 anos, prática de escritório, curso comercial, oferece os seus serviços. Informa Liga dos Combatentes da G. Guerra. 108

Aluga-se uma casa de habitação na Avenida Conde de Margaride. Falar na Casa do Proposto. 124

Estofador - Decorador

Jerónimo de Oliveira Coutinho encarrega-se de toda a qualidade de estofos e decorações, com a máxima perfeição. Preços acessíveis. Dão-se orçamentos. Bairro da Feijoeira — Creixomil — Guimarães. 111

LEITÕES DE RAÇA INGLESA

LARGE WHITE da Criação Porcina da Casa do Campo Celorico de Basto 112

Para entrega imediata

FALAR E TRATAR NA Rua da Rainha, 121

BONOMINT

PASTILHA DE GOMA LAXATIVA

EFICIENTE — AGRADÁVEL DE TOMAR

Westminster Laboratories, Ltd.

— London —

Um produto dos que honra a indústria inglesa de medicamentos. Vende-se em todas as boas Farmácias. Depositário Exclusivo RAUL VIEIRA, L. DA — Rua da Prata, 51-3.º — LISBOA.

A Farmácia Carbone, de Guimarães, pede uma amostra contra entrega deste coupon. 105

Srs. Comerciantes e Industriais

Utilizai os transportes da

Auto Recoveira Vimaranense

que completa 22 anos de serviços à cidade e concelho.

Avenida Conde de Margaride
Telefone, 4417 — GUIMARÃES

PORTO LISBOA

Rua Duque de Saldanha, 244 Casal de Santa Luzia, 36-C
Telefone, 51900 (à Estefânia) Telefone, 44722

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembarço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Retolha ou entrega ao Domicílio.



JOVE DE MELLO & CA

Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:
R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57